



PAISAGEM
ANCESTRAL
RECINTOS
CERIMONIAIS
TERRAS DO GUADIANA

PERDIGÕES ▾



18

APONTAMENTOS

de Arqueologia e Património

MAR 2025

NA

NÚCLEO
DE INVESTIGAÇÃO
ARQUEOLÓGICA

ISSN: 2183-0924

ERA
ARQUEOLOGIA

***A**PONTAMENTOS*

de Arqueologia e Património

18

MARÇO

2025

Título: **Apontamentos de Arqueologia e Património**

Propriedade: **Era-Arqueologia S.A.**

Editor: **ERA Arqueologia / Núcleo de Investigação**

Arqueológica – NIA

Local de Edição: **Lisboa**

Data de Edição: **Março de 2025**

Volume: **18**

Capa: Circuito de recintos de fossos Paisagens Ancestrais

Recintos Cerimoniais de Terras do Guadiana

ISSN: 2183-0924

Contactos e envio de originais:

geral@era-arqueologia.pt

Revista digital.

Ficheiro preparado para impressão frente e verso.

O uso do acordo ortográfico está ao critério de cada autor.



ÍNDICE

EDITORIAL	07
-----------------	----

António Carlos Valera, Tiago do Pereiro MONTE DA LAJE E SÃO BRÁS 3. INVESTIGAÇÃO E DIVULGAÇÃO DE RECINTOS DE FOSSOS EM SERPA (BEJA)	09
--	----

António Carlos Valera, Tiago do Pereiro CRONOLOGIA, ESPACIALIDADE E COMPLEXIDADE ARQUITECTÓNICA DOS RECINTOS DE FOSSOS NEOLÍTICOS ALENTEJANOS: UMA REVISÃO A PRETEXTO DO RECINTO DE TRIGO	23
---	----

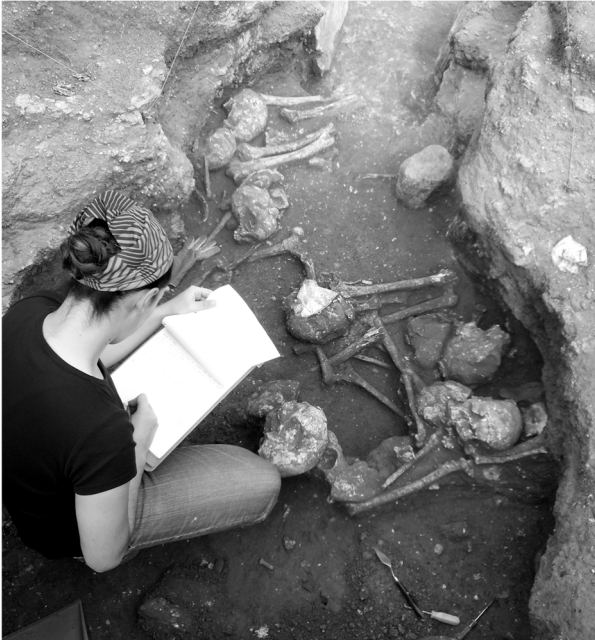
Camila Lacueva, Cláudia Maio, Sofia Nogueira, Lucy Evangelista, Tiago Nunes NOTÍCIA DA DESCOBERTA DA NECRÓPOLE DA VILLA ROMANA DE NOSSA SENHORA DE TOUREGA ...	43
---	----

Ana Rita, Carlos Jorge, Paula Pereira, José Carvalho, Cláudia Maio, Lucy Evangelista ENTRE USOS E ABANDONOS: REVISÃO DOS CONTEXTOS DA RUA DE SANTA MARIA E TRAVESSA DOS APÓSTOLOS, SETÚBAL	53
--	----

Sérgio Amorim, José Carvalho, Carlos Jorge A DISPOSIÇÃO DA MURALHA FERNANDINA ENTRE O LARGO DOS LÓIOS E A RUA DA MADEIRA. RESULTADOS DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA REALIZADA ENTRE 2021 E 2023	61
---	----

Francisco Raimundo, José Carvalho, Rui Pinheiro THE REBELLO HOTEL (VILA NOVA DE GAIA) – CONTRIBUTO DA ARQUEOLOGIA PARA A HISTÓRIA DE UM SÍTIO	69
--	----

José Carvalho O HORREUM DO CASTELO DE GAIA. NOVOS APONTAMENTOS SOBRE O ABASTECIMENTO MILITAR ROMANO NO CÂMBIO DA ERA	81
---	----



EDITORIAL

A Antropologia Biológica desempenha um papel fundamental na compreensão das populações do passado, permitindo-nos reconstruir aspetos essenciais da sua vida, saúde, mobilidade e interações sociais. No contexto da arqueologia, a análise dos vestígios humanos revela dinâmicas bioculturais que enriquecem a narrativa histórica e contribuem para uma visão mais completa das sociedades antigas. A interseção entre os métodos tradicionais e as novas abordagens científicas – da paleopatologia à genética antiga – tem ampliado significativamente o nosso conhecimento, tornando esta disciplina indispensável para o estudo do património arqueológico.

Na ERA Arqueologia, a Antropologia Biológica assume um papel central na investigação e valorização dos contextos funerários, destacando-se na análise dos testemunhos ósseos que emergem das intervenções arqueológicas. O compromisso com metodologias rigorosas e interdisciplinares permite-nos abordar questões sobre identidade, práticas rituais e impacto ambiental nas comunidades do passado. A colaboração com outras áreas, como a arqueotanatologia e a bioarqueologia molecular, reforça a capacidade de responder a questões cada vez mais complexas e de aproximar a ciência dos contextos patrimoniais.

Neste âmbito, a Antropologia Biológica continua a ser uma ferramenta essencial para interpretar os vestígios humanos e integrá-los nas narrativas arqueológicas mais amplas. A integração de novas tecnologias, a importância da salvaguarda do património osteológico e a necessidade de um olhar ético e contextualizado sobre os vestígios humanos são algumas das questões centrais que merecem ser debatidas.

Assim, a constante evolução desta disciplina exige um diálogo contínuo entre investigadores, promovendo abordagens cada vez mais integradas e multidisciplinares. Ao articular conhecimento científico com a valorização patrimonial, a Antropologia Biológica não só enriquece a compreensão das populações do passado, como também contribui para uma reflexão mais ampla sobre a nossa própria história e identidade.

Lucy Shaw Evangelista

MONTE DA LAJE E SÃO BRÁS 3. INVESTIGAÇÃO E DIVULGAÇÃO DE RECINTOS DE FOSSOS EM SERPA (BEJA).

António Carlos Valera¹
Tiago do Pereiro²

Resumo:

Integrando o programa de investigação sobre recintos de fossos desenvolvido pelo NIA-ERA desde 2010, são apresentados os resultados das prospecções geofísicas realizadas nos recintos de Monte da Laje e São Brás 3 (ambos no município de Serpa), assim como o desenho de um projecto de investigação programada para este último sítio. Finalmente, são referidas acções de divulgação e de activação patrimonial dos recintos de fossos existentes no concelho, concretamente a realização de uma exposição itinerante sobre estes sítios e a sua integração num roteiro de visita de recintos de fossos alentejanos.

Abstract:

Monte da Laje, São Brás 3 and the research and public display of ditched enclosures in Serpa (Beja).

Integrating the research program on ditched enclosures developed by NIA-ERA since 2010, this paper presents the results of geophysical surveys conducted at the enclosures of Monte da Laje and São Brás 3 (both located in the municipality of Serpa), as well as the outline of a programmed research project for the latter site. Finally, it highlights actions aimed at public dissemination and heritage activation of the ditched enclosures in the region, including the organization of a traveling exhibition on these sites and their inclusion in a visitation route of Alentejo's ditched enclosures.

1. Introdução: trajetória da investigação de recintos de fossos em Serpa.

O tema Recintos de Fossos da Pré-História Recente tem sido central na actividade de investigação desenvolvida pelo Núcleo de Investigação Arqueológica (NIA) da ERA Arqueologia SA. Ancorada desde o início no projecto de investigação dos Perdigueiros, esta investigação foi desenhada em 2010 através do projecto “Plantas de recintos de fossos e cosmologias neolíticas: uma abordagem paisagística, arqueoastronómica e geofísica” financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian (Valera, Becker, 2011). De então para cá foram inúmeros os recintos de fossos identificados no interior alentejano através de imagens aéreas e submetidos a prospecções geofísicas, permitindo constituir o maior *corpus* peninsular de magnetogramas deste tipo de sítios (que actualmente ascende a 20) e uma ampla bibliografia sobre esta temática (Valera, 2012, 2013a, 2013b, 2020a, 2024; Valera *et al.* 2013a, 2013b, 2014a, 2015, 2017, 2020; Valera, Basílio 2023;

Valera, Pereiro 2013, 2015, 2019, 2020, 2024; Pereiro *et al.* 2021; Ribeiro *et al.* 2019; Becker, Valera 2012; Becker *et al.* 2012).

Neste âmbito, o trabalho desenvolvido em Serpa assumiu particular relevância. Os seus resultados, a que se somam os dados obtidos em algumas intervenções de minimização de impactos da implementação da rede de rega de Alqueva e de subsequentes empreendimentos agrícolas, evidenciam a importância deste território da margem esquerda portuguesa do Guadiana para a investigação desta temática.

Os primeiros passos deste processo, contudo, estiveram lá mais para trás, na década de noventa do século passado, com identificação de um troço de fosso junto à Igreja de S. Jorge de Ficalho (Soares, 1994) e, um pouco mais tarde, de um outro troço no Alto da Forca em Serpa (Silva, 1998).

¹ Era Arqueologia / ICArEHB (antoniovalera@era-arqueologia.pt)

² Era Arqueologia / UNIARQ (tiagodopereiro@era-arqueologia.pt)

O início da investigação mais sistemática ocorreria já na segunda década do século XXI, com a identificação e sondagens nos pequenos recintos de Outeiro Alto 2 e Cortes 1, intervencionados pela ERA Arqueologia SA. precisamente no contexto das mitigações de um dos blocos da rede de rega de Alqueva (Valera *et al.* 2013b; 2014b).

Seguiram-se, já no âmbito da investigação do NIA, as identificações por imagem satélite dos recintos de Herdade da Corte (Valera *et al.* 2014a), Borralhos e Folha do Ouro 1. Simultaneamente, outros prováveis recintos foram sendo identificados através de imagens aéreas e fossos/valas foram sendo reportados em alguns trabalhos da rede de rega ainda por publicar (Figura 1).

Em 2019 o projecto de investigação começou a ter apoio logístico da câmara Municipal local, permitindo a realização de prospecções geofísicas nos recintos de Borralhos (Valera, Pereiro, 2020), Folha do Ouro 1 (Valera *et al.* 2020), Monte da Laje e São Brás 3, os dois últimos objecto deste texto.

Por último, perante os resultados obtidos em São Brás 3 e o interesse demonstrado pela autarquia em apoiar a investigação e potenciar patrimonialmente os recintos de fossos do concelho, foi elaborado o projecto de investigação plurianual (PIPA) “NUCLEUS – Arquitectura e biografia do centro de um recinto de fossos (S. Brás 3 - Serpa)” e promovida a exposição itinerante “Lugares de reunião há 5000 anos: os recintos de fossos pré-históricos em Serpa”, iniciativas que se articulam com o projecto “Paisagem Ancestral, Recintos Cerimoniais de Terras do Guadiana” (desenvolvido pelo consórcio ERA Arqueologia SA., Esporão SA. e Município de Reguengos de Monsaraz e financiado pela fundação LaCaixa/BPI/FCT), o qual criou um roteiro para visita de recintos de fossos no qual se integram cinco recintos de Serpa.

2. O Recinto do Monte da Laje

O reconhecimento do trabalho realizado pelo NIA no âmbito da detecção e prospecção de recintos de fossos tem levado a que identificações realizadas por outros colegas nas mais diversas circunstâncias nos sejam comunicadas (o que desde já agradecemos publicamente). Uma dessas cortesias, no que a Serpa respeita, foi a informação prestada por Teresa Nunes da Ponte relativamente à identificação do recinto do Monte da Laje na imagem do Google Earth de 2019 (Figura 2). Integrado no nosso programa de prospecções, o recinto seria submetido a prospecções pedestres e geofísicas (por magnetometria) em Outubro de 2022.

2.1. Localização e método de prospecção

O recinto do Monte da Laje situa-se na propriedade com o mesmo nome, na União de Freguesias de Serpa (Salvador e Santa Maria), concelho de Serpa, distrito de Beja, com as seguintes coordenadas X:37.958282 Y:7.499980 ou 37°57'29.8"N 7°29'59.9"W, a uma altitude de 193m. O sítio implanta-se na extremidade Noroeste de um interflúvio entre o Barranco da Laje e uma ribeira sua tributária, o qual apresenta uma orientação SE-NO. O centro do recinto situa-

se já no início da vertente virada a Noroeste, desenvolvendo-se pelas vertentes Nordeste e Sudoeste e pela plataforma aplanada que se estende para Sudeste (Figura 3).

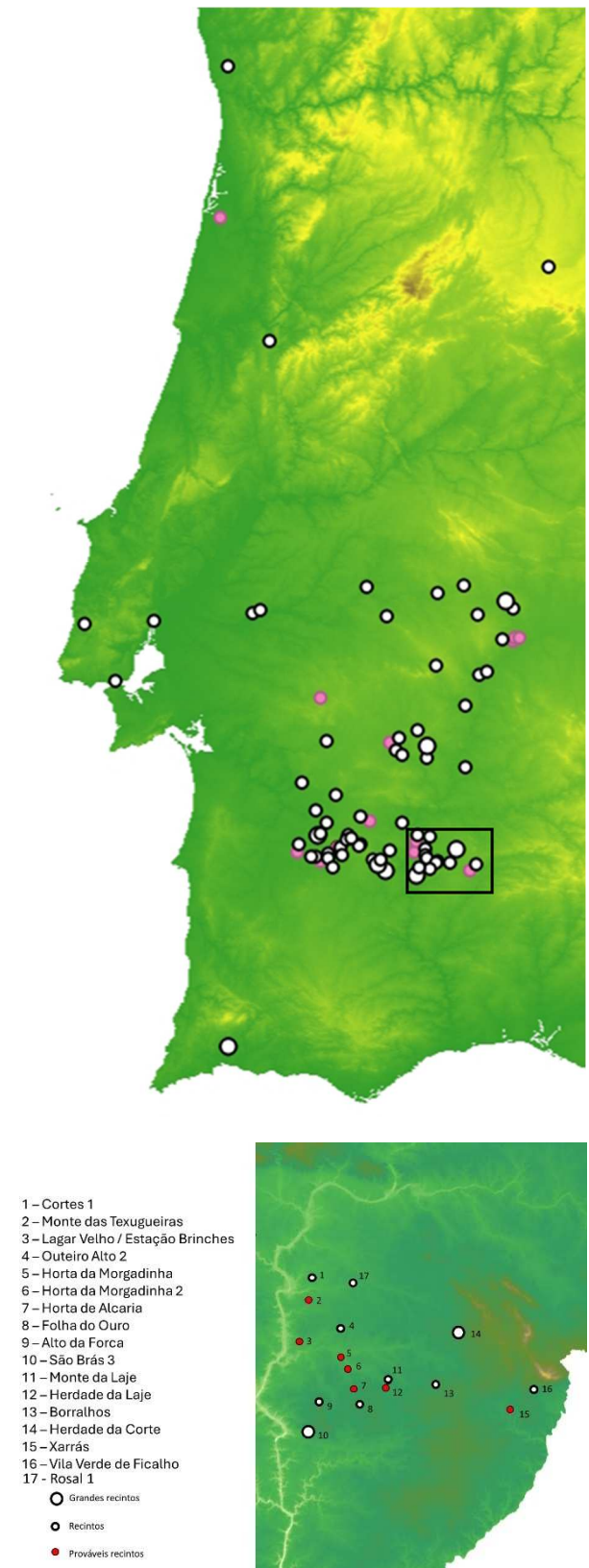


Figura 1 – Recintos de fossos de Serpa no contexto dos recintos de fossos do actual território português.

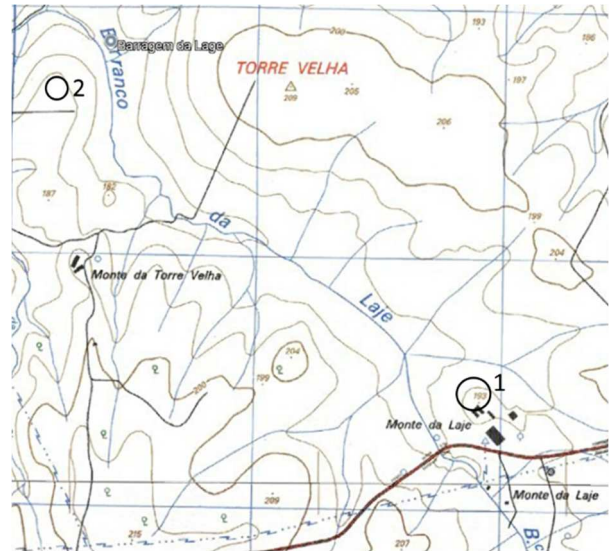


Figura 2 – Recinto do Monte da Laje na imagem satélite de 2019 e localização na C.M.P. 1:25000, fl.523. 1. Monte da Laje; 2. Torre Velha 3.

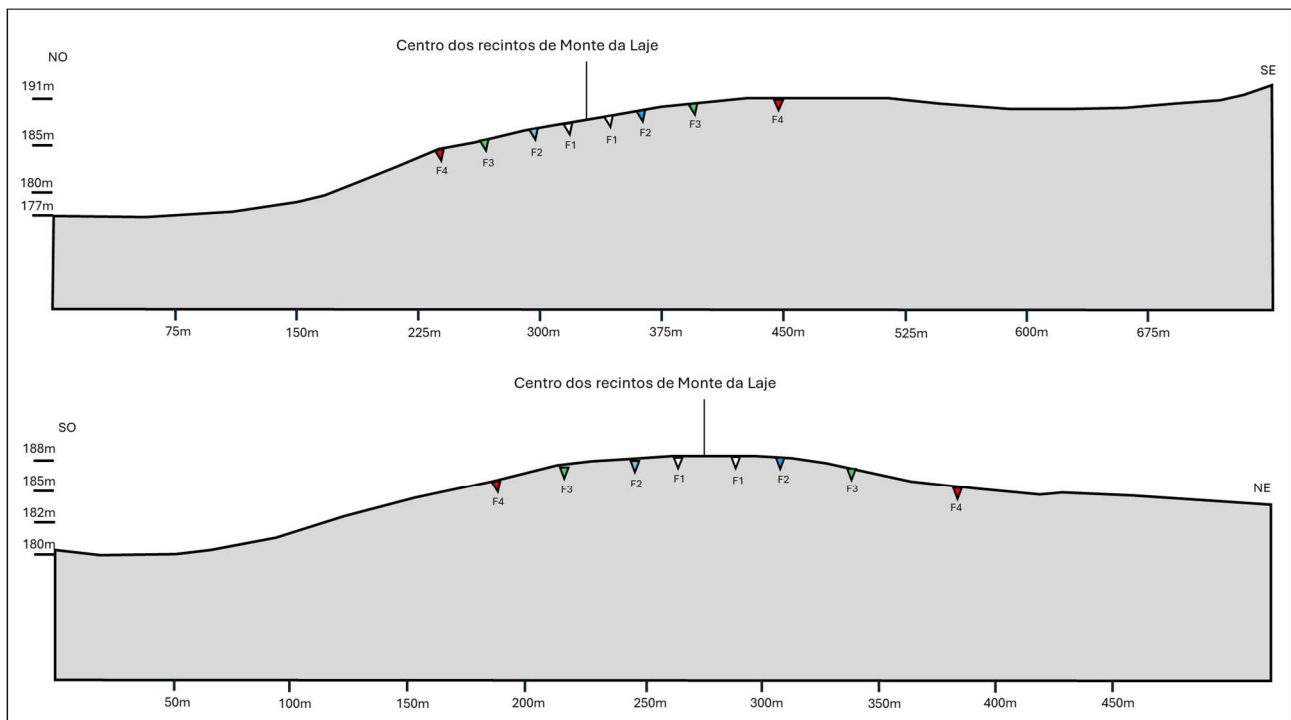


Figura 3 – Perfis topográficos do recinto do Monte da Laje realizados a partir do Google Earth.

Do ponto de vista geológico, o sítio implanta-se numa estreita faixa de gabro-dioritos, delimitada a Oeste por pórfiros, a Sul por granitos e a Este/Norte por rochas miocénicas (conglomerados, arenitos e margas). Caracterização feita com base na C.G.P. folha 8 da escala 1:200000, uma vez que não está publicada a folha da escala 1:50000 para esta área do concelho de Serpa. O quadrante Sul do traçado de três dos quatro fossos registados encontra-se sob o casario da propriedade, o qual se implanta em parte sobre um grande afloramento que dá nome ao monte. Esta circunstância não permitiu uma prospeção integral do recinto.

Assim, a prospeção geofísica foi realizada numa área composta por 36 quadrados de 30mx30m, num total de 32400m², ou seja, um pouco mais de 3 ha. Foi realizada com recurso ao magnetómetro Bartington 601/2, com dois sensores de 1m de comprimento separados por 1m. Cada um contém dois sensores verticais (axis fluxgate magnetometers) no topo e na base, fazendo com que os detectores localizados no topo rejeitem a larga escala do magnetismo atmosférico e isolem pequenas leituras causadas pelas anomalias arqueológicas, podendo detectar anomalias de 0.1nt (nanotesla), considerando-se que o campo magnético

terrestre normalmente apresenta leituras de 40,000nt (o.4 gauss), que podem variar durante o dia. Este equipamento permite detectar anomalias até cerca de 3m de profundidade (a média é 1m). A recolha dos dados teve por base uma grelha georreferenciada, com quadrados de 30x30m. Estes quadrados foram divididos em 30 linhas de prospecção percorridas em modo zig-zag, permitindo a recolha de medidas a cada 0.125m com espaçamento entre linhas de 0,5m. Os dados obtidos foram processados com software Geoplot 4.0.

2.2. Resultados e interpretação

O magnetograma obtido (Figura 4) revela um recinto composto por quatro fossos de traçado sinuoso, que se desenvolvem de forma concêntrica, definindo quatro recintos (Figura 5). A leitura da planta é dificultada pela presença de filões muito magnéticos que atravessam o sítio no sentido SO-NE e pelo facto de os três fossos mais exteriores se prolongarem sob a área de implantação do edifício do monte e adjacências, zona que não pode ser prospectada.

Ainda assim, é possível ver o recinto central, de tendência circular, com cerca de 30m de diâmetro e uma entrada orientada a SE e outra possível a NO no mesmo alinhamento. O segundo recinto é igualmente circular e concêntrico, duplicando o diâmetro (cerca de 60m). Aparenta ter uma entrada alinhada com as do recinto interior, formando um eixo orientado a 120°, ou seja, ao solstício de Inverno.

O terceiro fosso, igualmente sinuoso, define um novo recinto circular e concêntrico aos anteriores, apresentando um diâmetro de cerca de 120m. O seu traçado Este e Sul não é visível, pois está sob o edificado do monte e é abrangido por um filão que criou uma interferência magnética.

O quarto fosso, o mais exterior, apresenta um traçado igualmente sinuoso, mas mais irregular e a sua trajectória não é completamente visível de forma clara na sua metade Norte. Por outro lado, a Sul sofre uma abrupta curva para o interior, no sentido do casario do monte, facto que poderá eventualmente relacionar-se com o afloramento rochoso, que se encontra bastante são e compacto.



Figura 4 – Magnetograma do recinto do Monte da Laje implantado sobre imagem satélite.

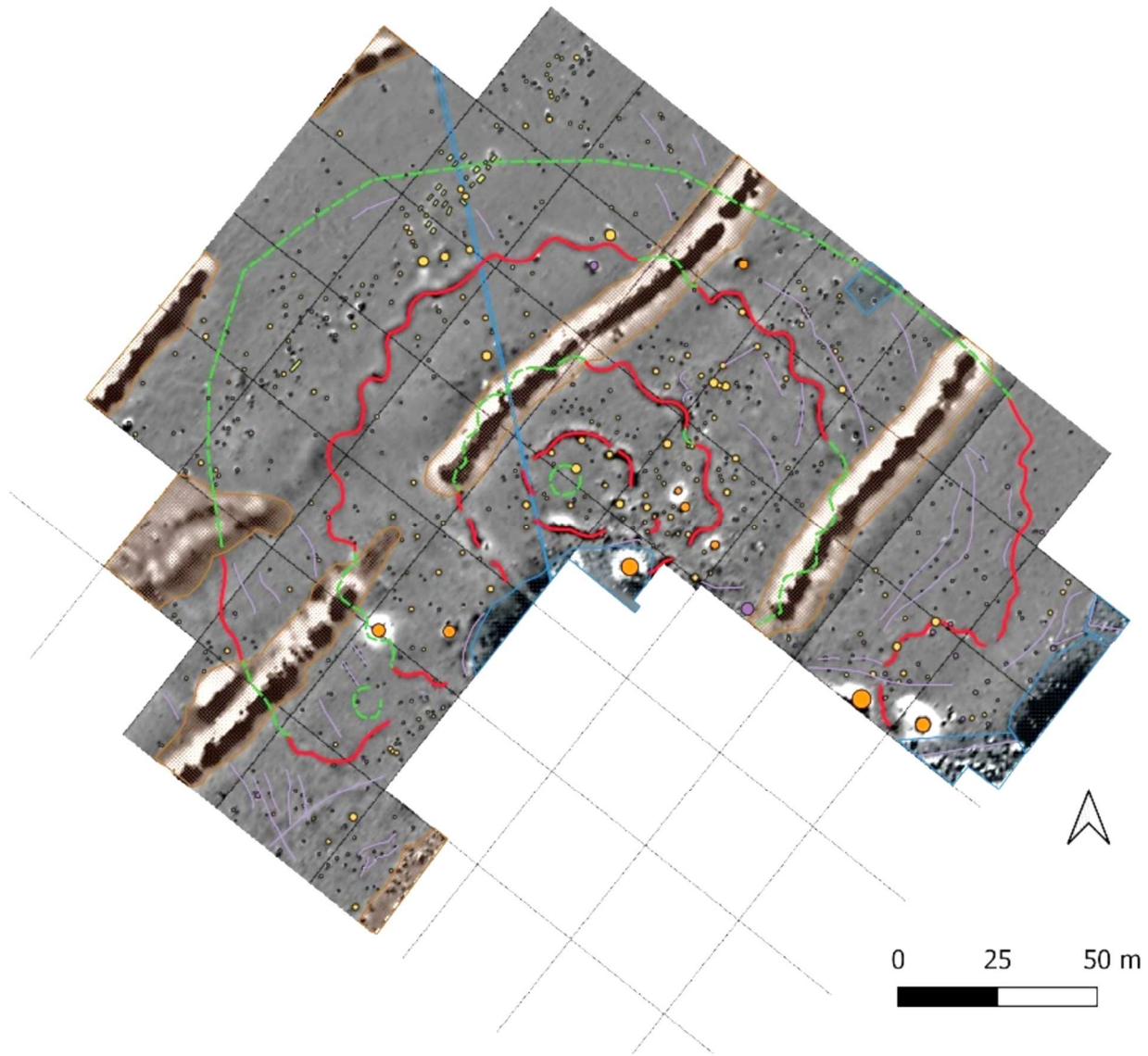


Figura 5 – Interpretação do magnetograma do recinto do Monte da Laje. Fossos a vermelho, fossos a amarelo, tubos modernos a azul, prolongamentos menos visíveis dos fossos e possíveis cabanas a verde, estruturas com magnetismo de fogo a laranja.

Do outro lado, a SE, parece existir uma inédita inflexão semicircular para o interior, a qual se encontra em frente do alinhamento da entrada dos recintos um e dois, e parece ter uma abertura nesse alinhamento. No seu eixo maior este recinto tem cerca de 180m, desenhando uma planta subcircular concêntrica.

Para além dos fossos, o magnetograma regista inúmeras fossas, algumas áreas com forte sinal magnético e de queimado (que poderão corresponder a estruturas romanas, pois desenvolvem-se em torno ao monte, junto do qual surge material de construção daquele período). Existem igualmente duas ténues anomalias de planta circular com cerca de 6-8m de diâmetro, uma no recinto central e outra entre o terceiro e o quarto fosso no lado Sudoeste (cabanas?).

No extremo norte do magnetograma, e pelo exterior e interior do quarto fosso, detecta-se um conjunto de pequenas estruturas de tendência rectangular formando várias linhas, pondo-se a hipótese de poderem corresponder a sepulturas históricas.

Finalmente, verificou-se que o recinto pré-histórico é atravessado por uma vala de alimentação eléctrica de um pivot, existindo à volta do monte outras anomalias de carácter moderno.

As áreas delimitadas pelos fossos estão entre 434m² e 11489m² para os três interiores. O exterior, menos perceptível, inflete na direcção do monte na zona do grande afloramento, eventualmente não fechando completamente.

À superfície praticamente não se registaram materiais de cronologia pré-histórica (apenas um bordo de taça e um segmento de larga lâmina de sílex), o que não possibilita uma aferição diacrónica fina. Contudo, as características do desenho dos recintos, nomeadamente o carácter sinuoso padronizado dos três fossos mais internos, a sua concetricidade e a orientação solsticial do alinhamento das entradas enquadram o Monte da Laje num conjunto de recintos com estas características que têm vindo a ser identificados no interior alentejano (Santa Vitória, Outeiro Alto 2, Rouca 7, Horta do Albardão 3, Xancra, Borralhos, Folha do Ouro, Alto do Outeiro) e que as datações absolutas até ao momento existentes colocam no terceiro quartel do 3º milénio a.C. (Basílio, Valera, 2023).

3. O recinto de São Brás 3

A identificação do sítio de São Brás 3 remonta à década de 70 do século passado, sendo referido como objecto de prospecções por J.L. Soares e R. Parreira, que ali recolheram um conjunto de materiais de superfície integráveis no Neolítico Final e Calcolítico (s/a, 1977-78). Voltaria a ser referido na década de 80 na publicação das escavações realizadas no vizinho sítio de São Brás 1 (Parreira, 1983). Sujeito a frequentes recolhas de superfície com resultados não publicados, foi sendo cartografado em publicações relativas à Pré-história Recente da região (ex. Soares, 1992) e foi incluído na Carta Arqueológica de Serpa (Lopes *et al.* 1997), mas nunca objecto de outro tipo de intervenções. Mais recentemente, e no contexto da investigação sobre recintos de fossos do interior alentejano desenvolvida pelo NIA, mais concretamente, no âmbito dos trabalhos desenvolvidos no concelho de Serpa com o apoio da autarquia local, o sítio voltaria a ser referido na publicação dos resultados da prospecção geofísica realizada no recinto da Folha do Ouro 1 (Valera, *et al.* 2020). É aqui que pela primeira vez, e com base no conhecimento adquirido sobre as estratégias de implantação de recintos de fossos e das suas características, se aventa a possibilidade de São Brás 3 corresponder a um recinto de fossos: “sítio de São Brás 3 (localizado 7km a SO) e cuja implantação sugere poder tratar-se igualmente de um recinto de fossos” (idem: 977). Em 2022, no XII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular, os materiais de superfície recolhidos durante anos são apresentados (Soares *et al.* 2022), confirmando um espectro cronológico de longa duração entre o Neolítico Final e o Calcolítico característico dos grandes recintos e evidenciando a presença de uma multiplicidade de categorias artefactuais que documentam a presença de actividades e práticas sociais variadas (incluindo as funerárias ou de manipulação de restos humanos). Nessa apresentação foi igualmente aventada a hipótese de se tratar de um recinto de fossos. Seria nesse mesmo ano, em paralelo com o referido congresso, que se realizaram as prospecções geofísicas que finalmente viriam a documentar a presença de um complexo de recintos de fossos em São Brás 3.

3.1. Localização e método de prospecção

O recinto de São Brás 3 localiza-se em frente à Quinta de São Brás, do outro lado da estrada que liga Serpa ao Pulo do Lobo, na União de Freguesias de Serpa (Salvador e Santa Maria),

concelho de Serpa, distrito de Beja, com as seguintes coordenadas: 37.902594, -7.610263 ou 37°54'09.3"N 7°36'37.0"W a uma altitude de 180m (ponto central).

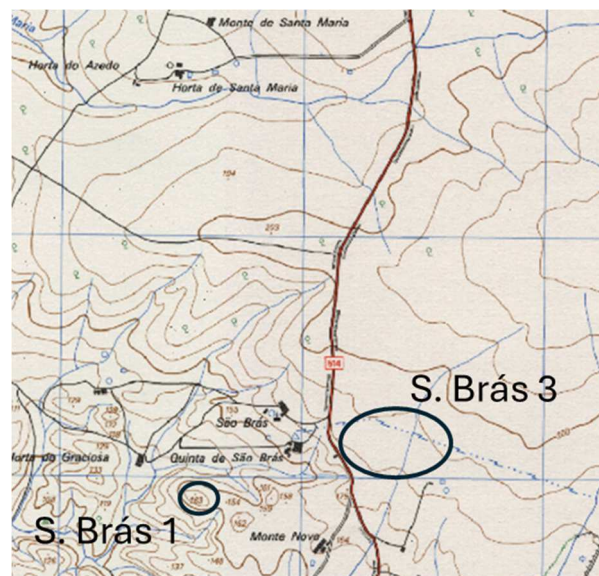


Figura 6 – Recinto de fossos de São Brás 3 e recinto murado de São Brás 1 (C.M.P., 1:25000, fl. 532).

O sítio encontra-se implantado ao longo de uma suave vertente virada a Sul (Figuras 6 a 8), apresentando-se pouco ou nada destacado na paisagem, tendo o seu campo visual virado precisamente para o quadrante entre Sudeste e Sudoeste, estabelecendo uma visibilidade directa com o recinto murado contemporâneo de São Brás 1 (Figura 6). Para Norte, o campo visual é restrito, estando limitado pelo topo da vertente onde o recinto se encontra implantado. É atravessado sensivelmente a dois terços por uma pequena linha de água que nasce um pouco mais a norte, numa situação com paralelos em alguns dos grandes recintos do Sudoeste peninsular, como Porto Torrão, Salvada, Monte das Cabeceiras 2 ou Pijotilla.

Do ponto de vista geológico, o local caracteriza-se por ser uma zona de contacto entre os Gabros de Beja e anfibolitos, granulitos e “flaser” gabros do Complexo Máfico-Ultramáfico de Beja. Caracterização feita com base na C.G.P. folha 8 da escala 1:200000, uma vez que não está publicada a folha da escala 1:50000 para esta área do concelho de Serpa.

A prospecção geofísica, ainda incompleta, foi realizada em duas fases. A primeira no âmbito do projecto de investigação do NIA acima referido (com o apoio da autarquia de Serpa) e a segunda no âmbito da minimização de impactes de um projecto de reconversão agrícola para olival intensivo que, entretanto, foi apresentado. Este carácter faseado dos trabalhos traduziu-se igualmente na utilização de dois equipamentos distintos, sendo o método utilizado o mesmo: a magnetometria. Assim, na primeira fase o equipamento, condições de recolha de dados e processamento for os mesmos da prospecção do Monte da Laje (ver ponto 2.1.)



Figura 7 – Vista, a partir de Norte para Sul, da suave vertente de implantação do complexo de recintos de São Brás 3.

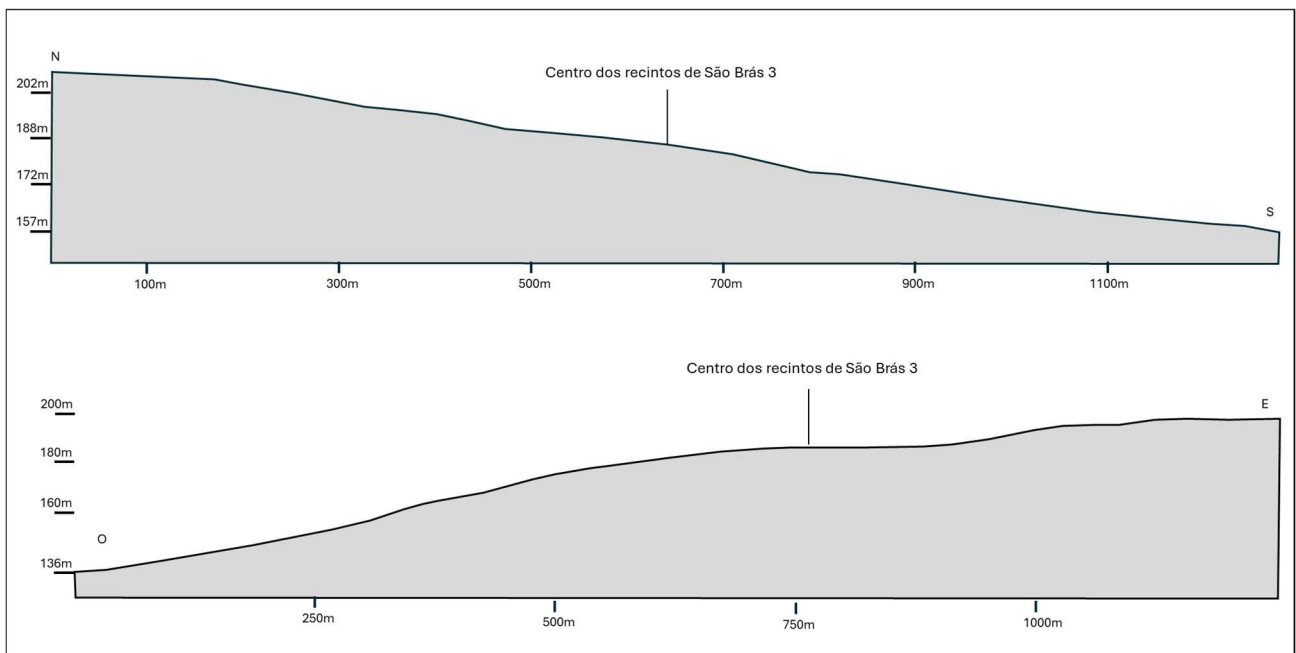


Figura 8 – Perfis topográficos do local de implantação do complexo de recintos de São Brás 3.

Nesta primeira fase foi trabalhada uma área do lado Oeste do sítio arqueológico, num total de 32 quadrados de 30mx30m, correspondendo a 28800m², ou seja, a cerca de 2.9ha. Já na segunda fase, foi utilizado o equipamento ENSYS MULTICHANNEL CARRIER TYPE F, com 5 sensores de 1m de comprimento, separados por 0,5m. Cada um contém dois sensores verticais (axis fluxgate magnetometers) no topo e na base, fazendo com que os detectores localizados no topo rejeitem a larga escala do magnetismo atmosférico, e isolem pequenas leituras causadas pelas anomalias arqueológicas, podendo detectar anomalias de 0.1nT (nanotesla), sendo que o campo magnético terrestre normalmente apresenta leituras de 40,000nT (o.4 gauss), variando durante o dia. Uma vez que o equipamento tem GPS acoplado, a implantação de uma quadrícula foi dispensada, tendo o levantamento sido realizado por linhas percorridas de forma sucessiva, numa área total de 6,6ha, que se reuniram aos 2,9ha anteriormente prospectados, somando um total de 9,5ha nas duas fases. Os dados recolhidos foram depois processados em software específico para as realidades arqueológicas MAGNETO e Geoplot Beta 4.0.

A Norte, e no sentido de identificar outros eventuais fossos que percorressem a vertente mais acima, foram realizadas várias faixas com dezenas ou centenas de metros, o que permitiu confirmar que os limites desse lado se encontravam no interior do corpo principal do magnetograma (Figura 9).



Figura 9 – Magnetograma da totalidade da área já prospectada.

Assim, a área sujeita a geofísica permitiu definir cerca de dois terços do complexo de recintos, nomeadamente a sua área central e limites Oeste e Norte. Ficou por prospectar a parte Este / Sudeste do recinto, onde se encontra instalado um pivot de rega. Esta área será futuramente prospectada no âmbito do projecto de investigação a desenvolver neste sítio (ver ponto 4).

3.2. Resultados e interpretação

Os resultados já obtidos evidenciam um cenário muito complexo, composto por inúmeros fossos que definem vários recintos, inúmeras fossas e outras estruturas, algumas das quais com carácter inédito, revelando um grande complexo de recintos, cuja extensão máxima seguramente ultrapassará os 300m e atingirá uma área de mais de 8ha (Figura 10).

Apresenta mais de uma dezena de fossos, uns de traçado linear e outros sinuosos. Registam-se vários cruzamentos de fossos, o que indica diferentes momentos construtivos e sobreposição de recintos. É visível a existência de um conjunto de fossos predominantemente lineares que definem recintos maiores, de configuração ovalada/elipsoidal, e outro conjunto mais interior, descentrado relativamente ao primeiro, de recintos de tendência circular e concêntrica, com fossos mais sinuosos, numa situação muito semelhante ao que se verifica no recinto do Monte da Contenda (Valera *et al.* 2014a). Trata-se de um exemplo da periodicidade construtiva existente nestes recintos e sugestiva de uma certa intermitência de ocupações. Os fossos são acompanhados por grande número de fossas (mais de uma centena) dentro e fora dos recintos e por algumas estruturas circulares (possíveis cabanas ou pequenos recintos) na parte norte.

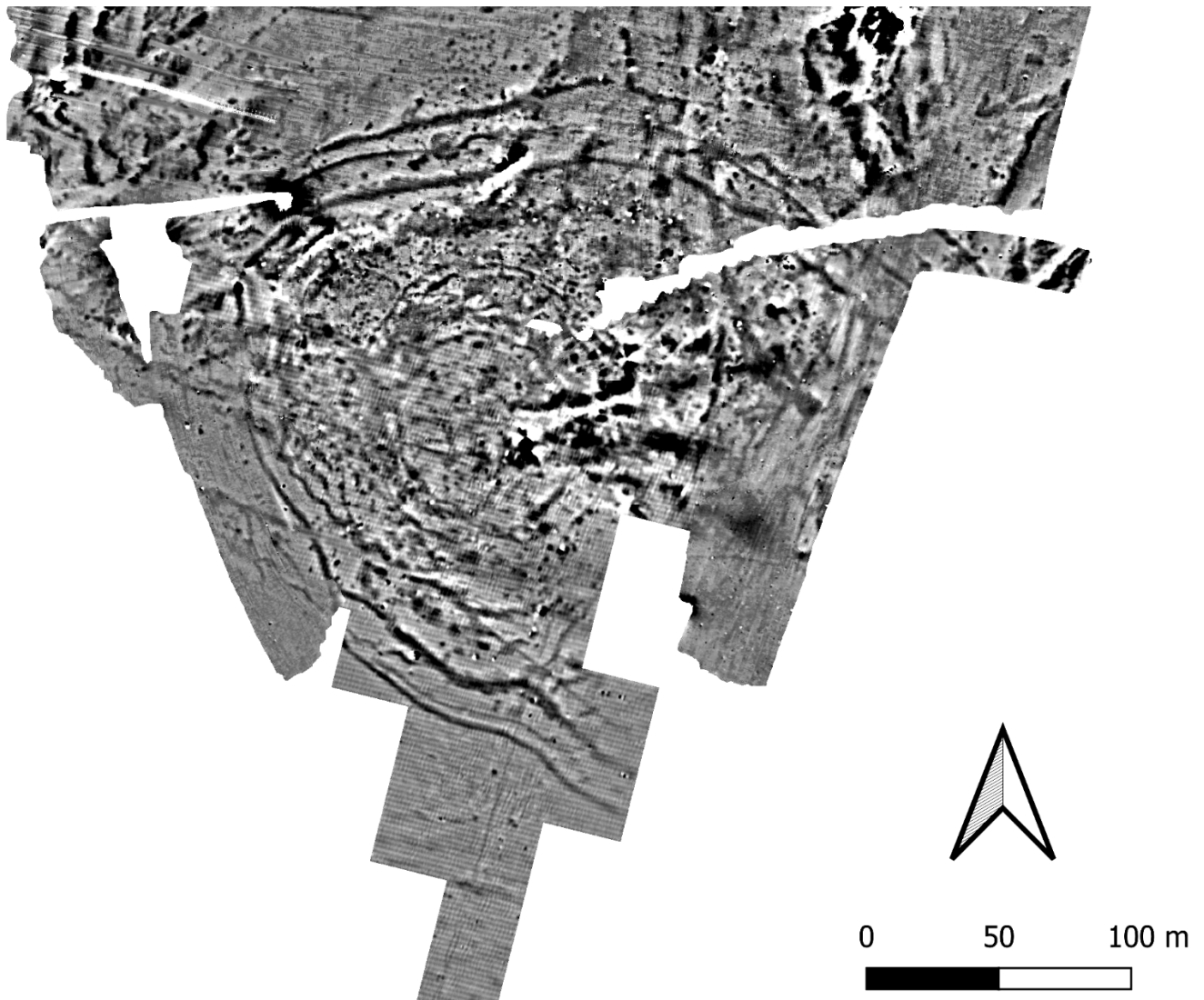


Figura 10 – Magnetograma da área já prospectada dos recintos de São Brás 3. Algumas áreas a branco no interior correspondem a zonas de passagem de linhas eléctricas aéreas ou de vedações metálicas de terreno.

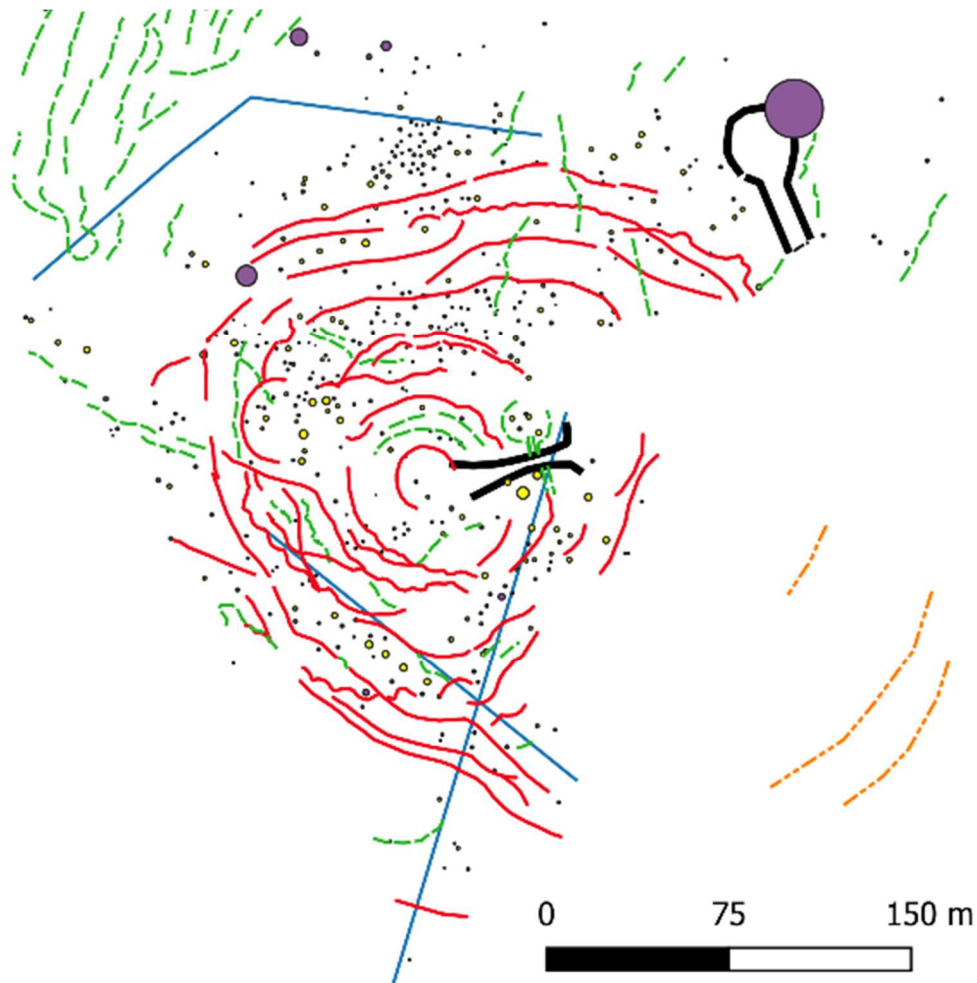


Figura 11 – Interpretação do magnetograma de São Brás 3. Fossas e eventuais estruturas circulares a amarelo, fossos a vermelho, possíveis troços de estruturas negativas ou filões geológicos a verde tracejado, outras estruturas a negro, possíveis fossos observáveis em imagem satélite a laranja tracejado, tubagens a azul, sinal ferromagnético a roxo.

Particulares destaques merecem duas das anomalias evidenciadas pelo magnetograma. Uma está localizada no exterior dos recintos, a Nordeste, e define aparentemente um espaço circular com cerca de 30m de diâmetro, ao qual se parece anexar uma espécie de corredor com cerca de 10m de largura e 30m de comprimento. Nesta zona não se registaram materiais pré-históricos à superfície, mas recolheram-se vários fragmentos de escória de ferro, pelo que poderá corresponder a uma estrutura de cronologia histórica. A outra parece tratar-se de um corredor ou “avenida”, com cerca de 50 metros de comprimento, uma largura variável nunca inferior a 5m e uma entrada com pequena fachada, que conduz ao recinto circular central, atravessando o segundo recinto (Figura 12) e apresentando uma orientação a Este (75°). É uma estrutura totalmente inédita nos recintos de fossos peninsulares e, pelo magnetismo medido, poderá ser em pedra. A ser assim (o que só escavações arqueológicas poderão confirmar), tratar-se-ia de uma clara aproximação a princípios arquitectónicos expressos pelo megalitismo, reforçando a ideia já várias vezes sublinhada de que, sendo sítios diferentes, recintos de fossos e megalitismo partilham princípios cosmológicos, os quais são expressos pelas respectivas arquitecturas.

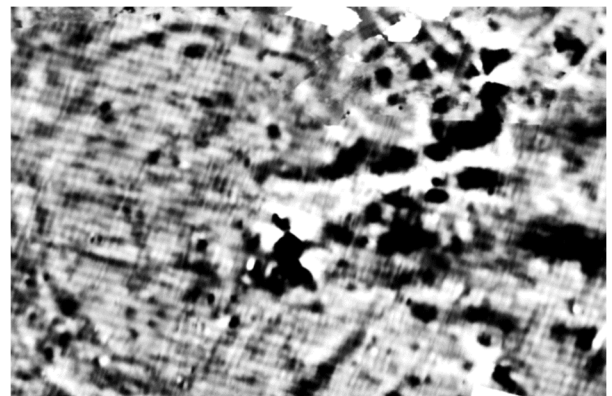


Figura 12 – Detalhe da anomalia tipo corredor ou “alameda” que desemboca no recinto central.

À superfície aparecem abundantes materiais, tendo sido recolhidos em diversas prospekções inúmeros fragmentos cerâmicos (alguns dos quais decorados, mas nunca campaniformes), os quais revelam formas variadas (taças carenadas, vasos esféricos e globulares, pratos de bordo simples e espessado, taças) machados e enxós de pedra

polida, pontas de seta, lâminas, colheres, pesos de tear, cossoiros, figurinhas antropomórficas em cerâmica, ídolos em xisto e calcário, placas de xisto com decoração geométrica, cadinhos e objectos em cobre, assim como restos humanos (Soares *et al.*, 2022). Durante as prospecções geofísicas, para além de materiais similares, recolheram-se ainda vários restos faunísticos (com destaque para numerosos dentes de equídeo) e um fragmento cerâmico decorado com um antropomorfo inciso (Figura 13), semelhante a alguns que aparecem em representações na arte rupestre e num peso de tear dos Perdighões (Valera, 2020b: 233). No seu conjunto, estes materiais permitem atribuir ao sítio uma cronologia do Neolítico Final e Calcolítico, entre o último quartel do 4º e meados do 3º milénio a.C, revelando a existência de uma grande variedade de actividades e uma componente cerimonial importante, com vários elementos que remetem para o sagrado.

Trata-se, assim, de mais um dos grandes recintos de fossos do interior alentejano, que, como os restantes, apresenta uma diacronia longa, uma grande complexidade arquitectónica e biográfica, e onde, uma vez mais, estão presentes práticas funerárias ou de manipulação de restos humanos. Note-se que, para além dos ossos humanos recolhidos à superfície de São Brás 3, recentemente foram intervencionados sepulcros colectivos (em fossa e hipogeu) na sua periferia imediata, o que reforça o seu paralelismo (ainda que com uma escala menor) com recintos como Perdighões ou Porto Torrão.



Figura 13 – Antropomorfo inciso num fragmento de bojo cerâmico.

4. Um projecto de investigação para São Brás 3

Sendo há muito conhecido, São Brás 3 foi-se mantendo arredado da investigação, apesar do potencial que as suas evidências de superfície iam sugerindo. A realização da prospecção geofísica de 2022 e a obtenção de um magnetograma de cerca de 2/3 da sua planta confirmaram esse potencial, evidenciando a presença de um grande e complexo recinto de fossos, tornando inadiável a integração

deste importante contexto na agenda da investigação programada. É essa integração que se pretende iniciar com o projecto *NUCLEUS – Arquitectura e biografia do centro de um recinto de fossos (S. Brás 3 - Serpa)*, o qual decorrerá entre 2025 e 2028 e se focará no estudo da área central do recinto.

A investigação dos recintos de fossos da Pré-História Recente peninsular tem vindo a evidenciar o carácter particularmente complexo e significativo das áreas nucleares de muitos recintos de fossos, nomeadamente dos de maiores dimensões, com implicações na interpretação da natureza destes recintos. No sentido de aprofundar e ampliar a investigação desta temática, e indo ao encontro de uma solicitação do Município de Serpa, este projecto tem como ambição genérica a compreensão do funcionamento da área central dos recintos de fossos de São Brás 3 na sua complexidade estrutural, diacronia e práticas sociais. Paralelamente, pretende-se implementar um campo escola aberto a estudantes e outros interessados e dotar a investigação de uma dimensão de arqueologia pública orientada à população local.

Tendo por base a imagem proporcionada pela geofísica, que documenta a presença de uma estrutura sem paralelo noutros recintos do período a nível peninsular (Figura 12) e que precisamente parece enquadrar o acesso à área central dos recintos, o projecto tem os seguintes objectivos específicos: completar o levantamento geofísico da planta do recinto; a caracterização planimétrica do recinto central e das estruturas que encerra; a caracterização da estrutura de tipo corredor ou “avenida” que desemboca nesse recinto central; a datação absoluta da sequência de ocupação deste espaço e das sequências estratigráficas de diferentes estruturas que a compõem; a caracterização da cultura material presente; a definição e caracterização das práticas sociais associadas a este espaço central; contextualização desta área central de São. Brás no estado da arte relativo aos grandes recintos de fossos do Sudoeste Peninsular. Outros temas (questões funerárias, de mobilidade, de interacção e proveniência, de tecnologia) serão abordados e desenvolvidos em função dos dados que forem proporcionados pelas intervenções arqueológicas, tendo como instituições parceiras o Laboratório Hécules, Centro de Ciências e Tecnologias Nucleares (C2TN), o Laboratório de Arqueociências e o ICAREHB. Para possibilitar a concretização destes objectivos, foi estabelecido um acordo com o proprietário para que a área central do sítio não fosse plantada (ficando como reserva arqueológica).

O projecto incorporará ainda um plano de comunicação que se destina a orientar a sua apresentação pública e dos resultados obtidos, tanto no que respeita à comunidade científica especializada, como ao público generalista. O plano de divulgação científica incluiu várias apresentações em reuniões científicas nacionais e internacionais, artigos publicados em revistas igualmente nacionais e internacionais e a realização de trabalhos académicos e monográficos.

O financiamento será participado pela Câmara Municipal de Serpa e ERA Arqueologia S.A. (nos moldes acordados entre as partes), entidades parceiras neste projecto, prevendo-se o

desenvolvimento de candidaturas para a obtenção de financiamentos complementares e de colaborações (ao nível de mestrados e doutoramentos) que possibilitem o desenvolvimento de algumas das tarefas, nomeadamente em termos analíticos.

Inicia-se, assim, a integração deste importante contexto, há muito na sombra, na investigação programada das dinâmicas sociais da Pré-História Recente do Sudoeste Peninsular.

5. Activação patrimonial dos recintos de Serpa

Se é certo que as problemáticas que enquadram a investigação dos recintos de fossos têm assumido um papel relevante, mesmo revolucionário, na arqueologia da Pré-História Recente do Sudoeste Peninsular, a divulgação dessa importância, a comunicação do conhecimento produzido e a sua valorização patrimonial junto do grande público continuam em grande medida por cumprir.

No sentido de contrariar este incumprimento, porque de um incumprimento se trata, o trabalho que tem estado a ser desenvolvido sobre os recintos de fossos em Serpa procura ultrapassar as palavras de circunstância e efectivamente promover uma activação patrimonial do importante conjunto de recintos que se encontram no município. Este desiderato começou a ser concretizado através de duas acções complementares: a integração de recintos de Serpa num roteiro de visita a recintos de fossos alentejanos e a realização de uma exposição itinerante.

5.1. A integração no roteiro Paisagem Ancestral, Recintos Cerimoniais de Terras do Guadiana

“Paisagem Ancestral, Recintos Cerimoniais de Terras do Guadiana” é um projecto liderado pela ERA Arqueologia S.A., em consórcio com o Esporão S.A. e o Município de Reguengos de Monsaraz, financiado pelo programa PROMOVE da Fundação LaCaixa/BPI/FCT, e que visa dar a conhecer uma paisagem ancestral das terras do Guadiana pontuada por recintos de fossos construídos ao longo do Neolítico e da Idade do Cobre. Tomando os Perdígões (Reguengos de Monsaraz) como ponto de partida, foi criado um roteiro que propõe dois percursos de visita, um para Norte e outro para Sul. Em cada local, com recurso a imagens geofísicas e aéreas e à informação de apoio disponibilizada numa página específica do projecto na internet (paisagemancestral.pt), podemos “observar” as plantas destes notáveis contextos (que se encontram hoje maioritariamente enterrados e invisíveis), relacioná-los com a topografia e com a paisagem envolvente que integram de forma significativa, conhecer os dados obtidos pela arqueologia para cada um e perceber a diversidade e simultânea unidade que caracterizam este fenómeno. Pelo caminho, entre recintos, podem ouvir-se podcast onde são abordados, em ambiente de conversa, alguns dos principais temas relacionados com os recintos de fossos alentejanos.

Os recintos de Serpa integram a parte final do percurso Sul, sendo percorridos todos os que já têm geofísica feita (Folha do Ouro 1, Borralhos, Monte da Laje e São Brás 3), a que se

junta o Outeiro Alto 2 que tem a sua planta integral conhecida através de uma intervenção de minimização realizada no âmbito do empreendimento de Alqueva.

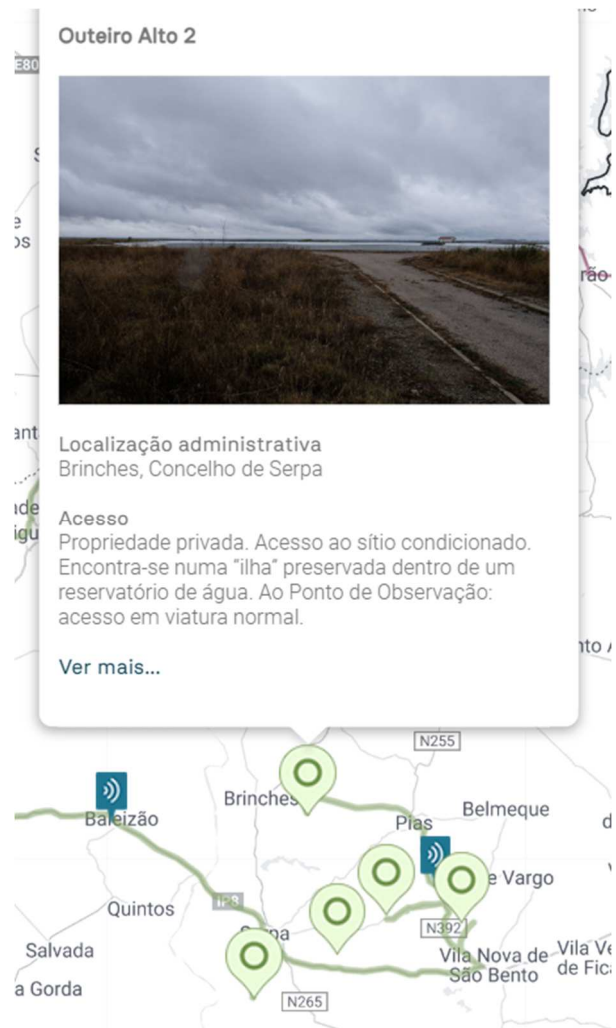


Figura 14 – Aspecto da parte final do percurso Sul no mapa disponibilizado no sítio paisagemancestral.pt, com a localização dos recintos e dos podcasts disponíveis e com exemplificação da informação de localização do recinto do Outeiro Alto 2, por onde se poderá ter acesso (ver mais...) a toda a informação disponibilizada sobre o sítio.

5.2. A exposição “Lugares de reunião há 5000 anos: os recintos de fossos pré-históricos em Serpa”

Trata-se de uma exposição que visa apresentar a um público generalista este tipo de sítios nas versões que ocorrem em Serpa, sublinhando algumas das questões relativas à sua investigação, importância patrimonial e salvaguarda.

Está organizada em quatro secções. A primeira oferece um breve enquadramento europeu do fenómeno dos recintos de fossos e procura apresentá-lo como expressão de uma forma de estar no mundo. A segunda apresenta um inventário dos recintos de fossos conhecidos em Serpa, destacando o mais

antigo, o mais complexo e o primeiro a ser identificado, para depois se focar nos particularismos dos recintos lobulados padronizados (bem representados na área). A terceira secção fala da forma como estes sítios são identificados e de como se desenvolve o seu estudo. Finalmente, a quarta secção aborda a questão da preservação dos recintos num contexto de desenvolvimento sustentando, mostrando casos problemáticos e casos de sucesso, e sublinha a importância da sua activação patrimonial.

Esta exposição, promovida pelo município de Serpa e concretizada pela ERA Arqueologia, tem um carácter itinerante, percorrendo várias localidades do concelho, nomeadamente as freguesias onde existem recintos de fossos.

6. Notas Finais

Iniciado em 2010, este programa de investigação orientado para a detecção e conhecimento dos recintos de fossos alentejanos desenvolvido pelo NIA-Era Arqueologia, sempre em diálogo com o projecto dos Perdigões, tem tido uma contribuição relevante para a arqueologia da Pré-História Recente do Sudoeste Peninsular. Neste percurso, já com década e meia, o trabalho desenvolvido em Serpa assume particular destaque, não só pelo que se tem conseguido fazer, mas também pelo potencial revelado por este território para a investigação desta temática específica.

A apresentação que aqui se faz, relativa aos resultados das prospecções geofísicas no Monte da Laje e em São Brás 3, à construção de um projecto de investigação para este último e às iniciativas em curso no âmbito da divulgação e activação patrimonial deste tipo de sítios, marca uma das etapas mais recentes (mas não a única) deste trajecto. Mas, sobretudo, traduz uma orientação e começa a desenhar um caminho, cabendo agora aos protagonistas saber caminhá-lo.

Referências Bibliográficas

- BASÍLIO, A.C.; VALERA, A.C. (2023) – A cronologia dos recintos de Santa Vitória, in: Valera, A.C.; Basílio, A.C. (eds.), *Santa Vitória (Campo Maior, Portalegre. O "primeiro" recinto de fossos*, Era Monográfica 7, Lisboa, NIA-ERA: 123-126.
- BECKER, H.; VALERA, A.C. (2012) – Luz 20 (Mourão, Évora): resultados preliminares da prospecção geofísica (magnetometria de cézio), *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 8: 7-9.
- BECKER, H.; VALERA, A.C.; CASTANHEIRA, P. (2012) – Monte do Olival 1 (Ferreira do Alentejo, Beja): magnetometria de cézio num recinto de fossos do 3º milénio AC, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 8: 11-17.
- LOPES, M.C.; CARVALHO, P.; MELO, S. (1997) – *Arqueologia do Concelho de Serpa*. C. M. Serpa.
- PARREIRA, R. (1983) – O Cerro dos Castelos de São Brás (Serpa). Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos de 1979 e 1980, *O Arqueólogo Português*, Série IV, 1: 149-168.
- PEREIRO, T.; ALMEIDA, N.; VALERA, A.C. (2021) – O recinto de fossos calcolítico da Herdade do Álamo (São Brissos, Beja), *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 15: 15-36.
- RIBEIRO, A.; RINNE, C.; VALERA, A.C. (2019) – Geomagnetic investigations at Monte da Contenda, Arronches, Portugal - Results from the 2018 campaign, *Journal of Neolithic Archaeology*, 6: 61-73. doi 10.12766/jna.2019.3
- S/A (1977-78), Elementos para um inventário de estações arqueológicas: prospecção e reconhecimento, *Informação Arqueológica*, 1: 16-25.
- SILVA, A.J.M. (1998), *Relatório dos trabalhos de escavação arqueológica efectuados no Alto da Forca (St. Maria, Serpa, Beja) de 14 a 17 de Abril de 1998*, policopiado.
- SOARES, A.M. (1992) – O povoado calcolítico dos Três Moinhos (Baleizão, conc. De Beja). Notícia Preliminar, *Setúbal Arqueológica*, IX-X: 291-314.
- SOARES, A.M. (1994) – Descoberta de um povoado do Neolítico junto à Igreja de S. Jorge (Vila Verde de Ficalho, Serpa). Resultados preliminares, *Vipaça*, 3: 41-49.
- SOARES, A.M.; SÉRGIO, J.R.; MELO, L.; SOARES, S. (2022) – São Brás 3 – um sítio de planície do Neolítico e Calcolítico nos arredores de Serpa (Baixo Alentejo), *comunicação apresentada ao XII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular (Aljaraque, Huelva)*.
- VALERA, A.C. (2012) – Fossos sinuosos na Pré-História Recente do Sul de Portugal: ensaio de análise crítica, *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, Município de Almodôvar: 25-38.
- VALERA, A.C. (2013a) – Recintos de fossos da Pré-História Recente em Portugal. Investigação, discursos, salvaguarda e divulgação, *Almadan*, Segunda Série, 18: 93-110.
- VALERA, A.C. (2013b) – Cronologia absoluta dos fossos 1 e 2 do Porto Torrão e o problema da datação de estruturas negativas tipo fossos, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 9: 7-11.
- VALERA, A.C. (2020a) – Ephemeral and cosmological monumentality: the strange ditched enclosures of Chalcolithic South Portugal, in: A.B. Gebauer; L. Sørensen; A. Teather; A.C. Valera (eds.), *Monumentalising life in the Neolithic. Narratives of change and continuity*, Oxford, Oxbow: 239-250.
- VALERA, A.C. (2020b) – La materialización de la imagen humana en el IV y III milenio A.C. en el sur de Portugal: una mirada a los recintos de perdigões. In: P. Bueno Ramírez, J. Soler Díaz (eds.), *Ídolos. Mirada milenares*, MARQ: 229-244.
- VALERA, A.C. (2024) – Ditched and walled enclosures of Late Prehistory in South Portugal: a brief comparative approach, in: Diniz, M.; Martins, A.; Neves, C.; Arnaud, J. (Coords), *Vila Nova de São Pedro e o Calcolítico no Ocidente Peninsular*, vol. 1, Estudos & Memórias nº 22, UNIARQ-FLUL: 287-301.
- VALERA, A.C.; BASÍLIO, A.C. (2023) – *Santa Vitória (Campo Maior, Portalegre. O "primeiro" recinto de fossos*, Era Monográfica 7, Lisboa, NIA-ERA.
- VALERA, A.C.; BECKER, H. (2011) – Cosmologia e recintos de fossos da Pré-História Recente: resultados da prospecção geofísica em Xancra (Cuba, Beja), *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 7: 25-34.
- VALERA, A.C.; BECKER, H.; BOAVENTURA, R. (2013a) – Moreiros 2 (Arronches, Portalegre): geofísica e cronologia dos recintos interiores, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 9: 37-46.
- VALERA, A.C.; BECKER, H. COSTA, C. (2014a) – Os recintos de fossos Pré-Históricos de Monte da Contenda (Arronches) e Montoito 2 (Redondo), *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 21: 195-216.
- VALERA, A.C.; FILIPE, V. E CABAÇO, N. (2013b) – O recinto de fosso do Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa), *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 9: 21-35.
- VALERA, A.C.; GODINHO, R.; CLAVO, E.; BERREQUERO, F.J.M.; FILIPE, V.; SANTOS, H. (2014b) – Um mundo em negativo: fossos, fossas e hipogeus entre o Neolítico Final e a Idade do Bronze na margem esquerda do Guadiana (Brinches, Serpa), *4º Colóquio de Arqueologia do Alqueva. O plano de rega (2002-2010)*, Memórias d'Odiana, 2ª Série, 14, Edia/DRCALEN: 55-73.
- VALERA, A.C. E PEREIRO, T. (2013) – Novos recintos de fossos no sul de Portugal: o Google Earth como ferramenta de prospecção sistemática, *Arqueologia em Portugal 150 anos, Actas do I congresso*

da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, AAP: 345-350.

VALERA, A.C.; PEREIRO, T. (2015) – Os recintos de fossos da Salvada e Monte das Cabeceiras 2 (Beja, Portugal), *Actas do VII Encontro de Arqueologia Peninsular*, Aroche-Serpa: 316-327.

VALERA, A.C.; PEREIRO, T. (2019) – A geofísica e salvaguarda do património arqueológico em meio rural. Vantagens e quando utilizar: o caso dos recintos de fossos, *Scientia Antiquitatis*, 3(1): 193-205.

VALERA, A.C.; PEREIRO, T. do (2020) – O recinto de fossos pré-Histórico de Borralhos (Serpa): aproximação à sua arquitectura através da prospecção geofísica, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 14: 17-28.

VALERA, A.C.; PEREIRO, T. (2024) – Los recintos prehistoricos del Alentejo, *National Geographic Historia*, Edición Especial: 124-125.

VALERA, A.C.; PEREIRO, T.; VALÉRIO, P.; SOARES, A.M. (2020) – O recinto da Folha do Ouro 1 (Serpa) no contexto dos recintos de fossos calcolíticos alentejanos, *Arqueologia em Portugal / 2020 - Estado da Questão. Actas do 3º Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa, AAP: 29-42.

VALERA, A.C., RAMOS, R., CASTANHEIRA, P. (2015) – Os recintos de fossos de Coelheira 2 (Santa Vitória, Beja), *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 10: 33-45.

VALERA, A.C., SIMÃO, I., NUNES, T., PEREIRO, T. DO, COSTA, C. (2017) – Neolithic ditched enclosures in Southern Portugal (4th Millennium BC): new data and new perspectives, *Estudos do Quaternário*, 17: 57-76, <http://www.apeq.pt/ojs/index.php/apeq>

OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ERA ARQUEOLOGIA



Série ERA Arqueologia (2000 – 2008)



Publicação de workshops



Série ERA Monográfica (2013 – 2025)

Série Perdigões Monográfica (2018 – 2020)

